

HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 107p.

Dos tempos remotos à contemporaneidade, o sonho de conquistar poder e riqueza move a humanidade. Essa busca incessante alimentou não só as ações como também a imaginação, criando diversos mitos, entre eles o do El Dorado. Esse universo de lendas, sonhos e frustrações é o espaço retratado em *Órfãos do Eldorado*.

O autor, Milton Hatoum, nasceu em Manaus em 1952; é professor da Universidade Federal do Amazonas e tem se dedicado a revelar, através de suas obras, as várias faces do povo e da terra amazônica. Exemplo disso é a premiada obra *Cinzas do Norte* (2005), na qual tem início a exploração do mundo da floresta, ainda bastante desconhecido pelo grande público. Em *Órfãos do Eldorado* o autor oferece ao leitor um texto que mescla características regionais e universalizantes: a história do personagem nortista ultrapassa os limites da floresta e remete ao estar-no-mundo do ser humano.

O protagonista é apresentado no presente. Está velho, louco e pobre; do tempo de fartura restam-lhe apenas lembranças. O relato dessas reminiscências a um passante em busca de abrigo constitui a diegese da obra. Não há linearidade, porque a narrativa segue ao sabor da memória, onde os fatos vividos surgem fragmentados, partes de um mosaico que compõe a vida de Arminto Cordovil, transcorrida entre a Cabanagem e o fim do ciclo da borracha.

Na infância, o órfão de mãe cresce sob os cuidados de Florita, seu “anjo da guarda negro”, conhecedora de lendas das tribos locais. Desprezado pelo pai, o ambicioso Amando Cordovil, Arminto vê à distância a prosperidade da família – seringais, barcos, palacete branco em Vila Bela e uma mansão em Manaus. O convívio entre pai e filho é marcado por mágoas e ressentimentos que marcam de forma indelével a personalidade do personagem central.

Arminto não se refere a Amando como pai e a morte inesperada deste determinou para sempre a distância entre ambos. Esse episódio provoca o retorno do protagonista a Vila Bela, onde conhece Dinaura e, com ela, o amor. Os apelos do amigo Estiliano para que tome conhecimento dos negócios são ignorados.

A procura desesperada por Dinaura torna-se o objetivo de vida do herdeiro dos Cordovil. Simultâneo à ruína do sonho de felicidade acontece o naufrágio do Eldorado. A catástrofe com o principal barco da armada assinala não só o fracasso de Arminto

Cordovil, mas é também emblemática, porque remete ao infortúnio de toda uma região que vive a decadência do ciclo da borracha. O mito do paraíso persiste, porém o sonho de riqueza e prosperidade não se concretizou. Para a região resta a pobreza e o isolamento; para Arminto restam as lembranças, já não há esperança de reaver os bens da família nem de encontrar a amada, envolta em grande mistério.

O fim do sonho assinala o momento da viagem para dentro si mesmo e, na solidão do presente, Arminto contempla o rio onde estão não só os restos do Eldorado, mas sua própria história. O que resta são escombros de uma vida que se perdeu entre mágoas, rancores, medos e indecisões. Não há sequer com quem compartilhar o vazio: Estiliano e Florita estão mortos, e os moradores da vila partiram em busca de sobrevivência em outras terras. O próprio Arminto cogita mudar-se, não para novas conquistas, mas como forma de fuga de suas dores, contudo é advertido pelo amigo de que não se pode fugir de si próprio. Ocupa-se das desventuras buscadas na memória, flagra-se sem futuro, percebe-se um órfão de sonhos.

Órfãos do Eldorado é uma história de amor, perdas, ausências e buscas pela Cidade Encantada, ainda não encontrada, mas que pode existir em qualquer lugar para onde os sonhos ou a imaginação possam levar. Mais do que um drama regional, a obra representa um questionamento sobre a essência da vida e o existir do ser humano no mundo. Por tudo isso, pode-se afirmar que Milton Hatoum oferece ao leitor um bom texto literário, ao mesmo tempo, “*dolce et utile*”.

Rejane Seitenfuss Gehlen-

Professora na rede estadual; Mestranda em Letras (URI-FW)